

Leandro Gomes de Barros

# Peleja de Riachão com o Diabo



LITERATURA DE CORDEL  
Leandro Gomes de Barros

# Peleja de Riachão com o Diabo

Riachão estava cantando  
Na cidade de Açu:  
Quando apareceu um negro  
Da espécie de urubu,  
Tinha a camisa de sola  
E as calças de couro cru.

Beijos grossos e virados  
Como a sola de um chinelo  
Um olho muito encarnado  
O outro muito amarelo,  
Este chamou Riachão  
Para cantar um martelo.

Riachão disse: eu não canto  
Com negro desconhecido,  
Porque pode ser escravo  
E anda por aqui fugido  
Isso é dar cauda a nambu  
E entrada a negro enxerido.

Negro - Eu sou livre como o vento  
A minha linhagem é nobre,  
Eu sou um dos mais ilustres  
Que o sol deste mundo cobre  
Nasci dentro da grandeza  
Não saí de raça pobre.

Riachão - Você nega porque quer  
Está conhecido demais,  
Você anda aqui fugido  
Me diga que tempo faz  
Se você não foi cativo,  
Obras desmentem sinais.

N - Seja livre ou seja escravo  
Eu quero é cantar martelo,  
Afine a sua viola  
Vamos bater-se em duelo  
Só com a minha presença  
O senhor está amarelo.

R - Vejo um vulto tão pequeno  
Que nem o posso enxergar,  
Julgo que nem é preciso  
Minha viola afinar  
Pela ramagem da árvore  
Vê-se o fruto que ela dá.

N - Riachão isto são frases  
De homem muito atrasado,  
Porque são vistos fenômenos  
Que na terra têm se dado  
Uma cobra tão pequena  
Mata um boi agigantado.

R - Meu riacho pela seca  
Dá cheias descomunais  
Na correnteza das águas  
Descem grandes animais  
Jibóias, surucujubas,  
Jaguares e outros mais.

N - O Jaguar rende-me culto  
A serpente aos meus pés morre  
No que chegar minha ira  
Só um poder o socorre  
Eu digo ao rio, pare aí!  
A água para e não corre...

R - Você não é Josué  
Que mandou o sol parar  
E esse parou três dias  
Para a guerra se acabar  
Nem Moisés que com a vara  
Fez o mar também secar.

N - Faço tudo que eu quiser  
Minha força não tem limite  
Os feitos por mim obrados  
Não vejo homem que imite  
Eu determino uma coisa  
Não há força que a evite!

R - Salomão também fazia  
O que queria fazer  
Por meio de mágica ou química  
Quis segunda vez nascer  
Mas em vez do nascimento  
Conseguiu ele morrer.

N - Salomão facilitou  
Confiado na ciência  
Encaminhou tudo bem  
Mas faltou-lhe a paciência  
Se não fosse aquele erro  
Tinha tido outra existência.

R - Eu necessito saber  
Onde é seu natural  
Porque não sei se o senhor  
Tem nascimento legal  
De qual nação é que vem  
Se procede bem ou mal.

N - Você vem interrogar-me  
Eu lhe interrogo também,  
Diga para onde vai  
E de qual parte é que vem  
Se é solteiro ou casado  
Diga que profissão tem?

R - Não tenho superior  
Sou filho da liberdade  
E não conto a minha vida  
Pois não há necessidade  
Porque não sou foragido  
Nem você é autoridade!

N - É preciso advertir-lhe,  
Fazer-lhe observação  
Me trate com muito jeito,  
Cante com mais atenção!  
Veja que não se descuide  
E passe o pé pela mão!

R - Eu, para cantar repente,  
Já estou muito habilitado:  
Conheço algumas matérias,  
Sou um pouco adiantado  
Tive estudo quatro anos,  
Me considero letrado!

N - Sou professor de matérias  
Que sábio não as conhece;  
A lei que digo no mundo,  
O próprio rei obedece  
Meus feitos são conhecidos,  
A fama se estende e cresce.

R - Você diz que tem ciência,  
Dê-me uma explicação:  
Se a Terra faz movimento  
De quem é a rotação?  
Porque é que em 12 horas  
Há uma transformação?

N - Não é o Sol quem se move,  
Este é fixo em seu lugar,  
A Terra está sobre os eixos,  
Os eixos a fazem rodar,  
Que, por essa rotação  
Faz a luz do Sol faltar.

R - Descreva o grande mistério  
Que entre nós a Terra tem:  
De que é formada a chuva  
Em que estado ela vem?  
Se é criada aqui perto  
Ou noutra lugar além?

N - A água, em estado líquido  
 Por meio de abaixamento  
 Que há na temperatura,  
 E pelo resfriamento  
 Essa água é condensada,  
 Ajudada pelo vento.

A corrente atmosférica  
 De uma montanha elevada,  
 Que ajuda a temperatura,  
 Forma nuvem condensada.  
 Do vento movendo as nuvens  
 É disso a chuva formada.

Que essa chuva, depois  
 Que toda a Terra ensopar,  
 Por meio da evaporação  
 Torna ao espaço voltar,  
 Reproduzindo o processo  
 Que acabei de lhe tratar.

R - O senhor conhece bem  
 Este país brasileiro?  
 Ora, respondeu o Negro:  
 N - Eu conheço o estrangeiro  
 Desde o córrego mais pequeno  
 Ate o maior ribeiro!

Por exemplo, o Amazonas,  
 Que extrema com o Pará;  
 O Pará com o Maranhão,  
 Piauí com o Ceará,  
 E assim todos os outros  
 Se alguém duvida, vá lá!

E se qualquer um daqui,  
Pretendendo viajar.  
Até o Rio de Janeiro  
E não querendo ir por mar,  
Eu lhe ensino o caminho  
Ele vai sem se vexar.

R - Como faz essa viagem?  
Onde se encontra o caminho?  
Lugar de uma só morada,  
Sem haver mais um vizinho  
Tanto que, em muitos lugares  
Não anda um homem sozinho!

N - Pode qualquer um sair  
Do Açu ao Mossoró;  
Querendo pode passar  
Na cidade Caicó,  
Subir pela margem esquerda  
Do Rio de Seridó.

Riachão disse consigo:  
- Esse negro é um danado!  
Esse saiu do Inferno,  
Pelo Demônio mandado,  
E para enganar-me veio  
Em um negro transformado!

Disse o negro: - Meu amigo,  
Não queira desconfiar,  
Garanto que o senhor  
Não ouviu bem eu cantar,  
Na altura que eu canto  
Outro não pode chegar!

R - Vá na altura em quer for!  
Riachão lhe respondeu.  
Remexa todos os livros  
Que o senhor aprendeu  
Eu não conheço esse ente  
Que cante mais do que eu!

N - Você ficará sabendo  
O peso de um cantador  
Quando me ver outra vez  
Me trate de professor,  
Render-me-á obediência,  
Conhecerá meu valor!

R - O senhor diga o seu nome,  
Eu quero lhe conhecer,  
Pois só assim posso dar-lhe  
O valor que merecer;  
Em tudo que você diz  
Ainda não posso crer.

N - Você, sabendo quem sou  
Talvez que fique assombrado,  
Superior a você  
Comigo tem se espantado  
Os grandes da sua Terra  
Eu tenho subjogado!

R - Eu canto há dezoito anos,  
Há vinte toco viola,  
Sempre encontro cantador  
Que' só tem fama e parola  
Quando canta meio dia,  
Cai nos meus pés, no chão rola!

N - Eu já canto há muitos anos,  
Não vou em toda função,  
Arranco pontas de touro,  
Quebro o furor do leão,  
Nunca achei esse duro  
Que para mim tenha ação.

R - Garanto que de hoje em diante,  
O senhor tem que encontrar  
A força superior  
Que o obrigue a se calar,  
Porque eu boto o cerco,  
Quem vai não pode voltar!

N - Manoel, tu és criança,  
Só tens mesmo é pabulagem!  
Vejo que falar é fôlego,  
Porém obrar é coragem  
Juro que de agora em diante  
Não contarás mais vantagem!

R - Meu pai chamava-se Antônio,  
Seu apelido era Rio;  
De uma enxurrada que dava  
Cobria todo o baixio  
Secava em tempo de inverno  
Enchia em tempo de estio.

N - Conheci muito seu pai,  
Que vivia de pescar;  
Sua mãe era tão pobre,  
Que vivia de um tear  
Seu padrinho tomou você  
E levou-o para criar.

R - Onde morava o senhor,  
Que a meu avô conheceu?  
Que eu nem me lembro mais  
Do tempo que ele morreu  
E você está parecendo  
Muito mais moço que eu!

N - Eu sei do dia e da hora  
Que nasceu seu bisavô;  
Chamava-se Ana Mendes  
A parteira que o pegou  
E conheci muito o frade.  
E o vi quando o batizou.

R - Bote sua maca abaixo  
Conte essa história direito,  
Da forma que você conta  
Eu não fico satisfeito  
Como ver-se um objeto  
Antes daquilo ser feito?

N, Seu bisavô se chamava  
Apolinário Cancão  
Era filho de um ferreiro  
Que o chamavam Gavião  
Sua bisavó Lourença  
Filha de Amaro Assunção.

R - Mas que idade tem você,  
Que me faz admirar?  
Conheceu meu bisavô  
Eu não posso acreditar  
Assim destas condições  
Faz até desconfiar.

N - Seu bisavô e o avô  
Foram por mim conhecidos,  
Seu pai, sua mãe, você  
Antes de serem nascidos  
Já estavam em minha nota  
Para serem protegidos.

R - Que proteção tem você  
Para proteger alguém?  
Sua pessoa e os trajes  
Mostram o que você tem  
A sua cor e aspecto  
Esclarecem muito bem.

N - Eu protejo você tanto,  
Que o defendi de morrer  
Você se lembra da onça  
Que uma vez quis lhe comer  
Que apareceu um cachorro  
E fez a onça correr?

R - Me lembro perfeitamente  
Quando a onça me emboscou.  
Já ia marcando o salto  
Quando um cachorro chegou  
A onça correu com medo,  
Eu não sei quem me salvou...

N - Pois foi este seu criado  
Que viu a onça emboscá-lo  
Eu chamei por meu cachorro  
Para da onça livrá-lo  
Se lembra quando você  
OuvIU o canto dum galo?

R - Eu me lembro disso tudo  
Porque assim foi passado;  
Mas que idade tinha eu  
Quando esse caso foi dado?  
Eu era tão pequenino  
Que meu pai teve cuidado.

N - Você tinha nove anos  
Foi caçar um novilhote  
Se entreteu com umas flores  
Que tinha lá no serrote  
A onça foi esperá-lo  
Para sangrá-la no bote.

Riachão disse consigo:

- De onde veio esse ente,  
Que de toda minha vida  
Conhece perfeitamente?  
Este, será que é o Diabo  
Que está figurado em gente?

N - O senhor pergunta assim

De que parte venho eu...

Eu venho de onde não vai

Pensamento como o seu

E saí do ideal.

Primeiro que apareceu!

R - Agora acabei de crer

Que tu és o inimigo!

Te transformastes em homem,

Para vir cantar comigo

Mas eu acredito em Deus

Não posso correr perigo!

N - Ainda não lhe ameacei,

Nem pretendo ameaça-lo!

Estou pronto a defendê-lo,

Se alguém quiser ataca-lo

Em minha humilde pessoa,

Tem um pequeno vassalo!

R - Não quero saber de ti,  
Porque tu és traidor:  
Desobedeceste a Deus,  
Sendo Ele o Criador!  
Fizeste traição a Ele  
Quanto mais a um pecador...

N - Riachão, amas a Deus  
Sendo mal recompensado!  
Deus fez de Paulo um Monarca  
De Pedro um simples soldado  
Fez um com tanta saúde,  
Outro cego e aleijado!

R - Se Deus fez de Paulo um rei,  
Porque Pedro merecia  
Se fez de Paulo um soldado,  
Era o que a Pedro cabia:  
Se não fosse necessário,  
O grande Deus não fazia!

N - O teu vizinho e parente  
Enricou sem trabalhar;  
Teu pai trabalhava tanto  
E nunca pode enricar  
Não se deitava uma noite  
Que deixasse de rezar!

R - Meu pai morreu na pobreza,  
Foi fiel ao seu Senhor!  
Executou toda ordem  
Que lhe deu o Criador  
E foi uma das ovelhas  
Que deu mais gosto ao pastor!

N - Arre lá! Lhe disse o Negro.  
Você é caso sem jeito!  
Eu com tanta paciência,  
Estou lhe ensinando direito  
Você vê que está errado,  
Faz que não vê o defeito!

R - É muito feliz o homem  
Que com tudo se consola!  
Posso morrer na pobreza,  
Me achar pedindo esmola  
Deus me dá para passar  
Ciência e esta viola!

O negro olhou Riachão,  
Com os olhos de cão danado,  
Riachão gritou: - Jesus,  
Homem Deus Sacramentado!  
Valha-me a Virgem Maria,  
A Mãe do Verbo Encarnado!

O negro, soltando um grito,  
Dali desapareceu.

De uma catanga de enxofre  
A casa toda se encheu,  
Os cães uivaram na rua,  
O chão da casa tremeu.

Riachão ficou cismado  
Com cantor desconhecido,  
Que quando encontrava um,  
Tomava logo sentido  
O seu primeiro repente  
Era a Deus oferecido.

Essa história que escrevi  
Não foi por mim inventada:  
Um velho daquela época  
Tem ainda decorada..  
Minha aqui só são as rimas  
Exceto elas, mais nada!

FIM

Fortaleza, fevereiro de 2001



Rua Leopoldo Fróes, 37 - Santa Tereza - Rio de Janeiro

Tel.: (21) 2232-4801 - contato@abl.com.br

[www.ablc.com.br](http://www.ablc.com.br)





## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).